

CONTRASTES E CONFRONTOS

EUCLIDES DA CUNHA

Introdução de OLÍMPIO DE SOUZA ANDRADE.
Cotejo e estabelecimento do texto pelo Prof. RO-
LANDO MOREL PINTO, da cadeira de Língua Por-
tuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciên-
cias Humanas da Universidade de São Paulo.



CULTRIX/MEC

EUCLIDES DA CUNHA

**CONTRASTES
E
CONFRONTOS**

Introdução de
OLÍMPIO DE SOUZA ANDRADE

Cotejo e estabelecimento do texto pelo
PROF. ROLANDO MOREL PINTO
(da cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de S. Paulo)



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Em convênio com o INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

1.ª edição - Cultrix:
junho de 1975

MCMLXXV

Todos os direitos reservados
EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Conselheiro Furtado, 648, fone 278-4811, São Paulo

Impresso no Brasil
Printed in Brasil



SUMÁRIO

NOTA À MARGEM DO "CONTRASTES E CONFRONTOS"	I
A PRESENTE EDIÇÃO	23
Heróis e Bandidos	25
O Marechal de Ferro	30
O Kaiser	35
A Arcádia da Alemanha	40
A Vida das Estátuas	45
Anchieta	49
Garimpeiros	52
Uma Comédia Histórica	57
Plano de uma Cruzada	
I	61
II	65
III	69
A Missão da Rússia	74
Transpondo o Himalaia	78
Conjecturas	83
Contrastes e Confrontos	88
Conflito Inevitável	93
Contra os Caucheiros	98
Entre o Madeira e o Javari	102
Solidariedade Sul-Americana	107
O Ideal Americano	111
Temores Vãos	116
A Esfinge	120
Fazedores de Desertos	126
Entre as Ruínas	131
Nativismo Provisório	135
Um Velho Problema	140
Ao Longo de Uma Estrada	147
Civilização	153
Discurso de Recepção na Academia Brasileira de Letras	157

NOTA À MARGEM DO CONTRASTES E CONFRONTOS

Fez carreira aquela história: Euclides, alarmado com erros de revisão, a raspar e corrigir dezenas deles em quase mil exemplares da primeira edição de Os Sertões. Como outras, pode conter algum excesso, mas parece ter partido de fonte séria e foi divulgada por homens honestos; deve acompanhá-la alguma parcela de verdade, e o escritor, de fato, principalmente naqueles tempos relativamente amenos da existência quase sempre intranquilha, era bem capaz disso, vivendo os menores detalhes de tudo quanto fosse obra sua. Até agora, porém, não pudemos atestar as propaladas emendas; no exemplar que possuímos daquela edição raríssima não existe indício de uma só que seja.

Podemos, entretanto, afirmar que logo depois desses prováveis desalentos de um escritor com a revisão do seu livro, Euclides da Cunha não teve mais condições para aludidos cuidados com os seus textos, não mais os podendo rever como de hábito, duas, três, mais vezes até. É que, já ao dizer o curto mas severo discurso de posse no Instituto Histórico, sua vida se encontrava mais instável, ele tendo requerido exoneração do cargo que lhe garantia a sobrevivência, cargo menor, duro, exigente de longas e cansativas subidas e descidas de serras na região do Paraíba, mas cuja perda o obrigou a viver praticamente de artigos para os jornais até à partida para o Amazonas, rumo às cabeceiras do Purus.

São, em sua quase totalidade, os artigos constantes do Contrastes e Confrontos, agora entregue aos cuidados da Cultix, uma garantia de que, pela primeira vez esse livro passe correto para as mãos do leitor. Inclusive com a fonte e a data de cada um dos seus capítulos, uma e outra recolhidas por nós em anos de pesquisa, e também com esclarecimentos, inclusive no sentido de que o leitor, acompanhando-

-nos na repaginação apenas imaginada para a obra, enxergue nela a unidade que só aparentemente não tem.

Apesar dos pesares — pesares que apontaremos —, na série de artigos só supostamente ligeiros porque destinados ao jornal de todo dia, mas também marcados pela estranha lucidez, a intuição, a imaginação e o dom de arte do seu autor, na série de artigos e estudos aqui reunidos Euclides continua a pensar longe, no futuro, o nosso vivo presente, nos definindo e nos explicando como povo. Basta ter olhos de ver e memória refrescada, para sentir na leitura a verdade da primeira afirmação e lembrar artigos aqui reunidos de quando em quando transcritos, e quase sempre presentes em bibliografias de estudos brasileiros ou americanos, como acontece com os outros livros do escritor.

Os dizeres todos constituem razões que nos animam a estar aqui, certos de que a correção dos senões editoriais em geral satisfaria ao próprio Euclides, como também o exame que vamos tentar de alguns outros fatos que se prendem ao passado do seu livro, senões e outros fatos não raro responsáveis por dúvidas e confusões relativamente ao conjunto, não obstante as páginas de rara beleza e objetividade que contém. Nossas considerações serão simplesmente marginais: Euclides jamais pediu prefácio ou coisa que o valha a quem quer que fosse, aceitando e mantendo o espontâneo de Sampaio Bruno porque, entre outras razões que veremos, este livro foi lançado em Portugal, onde era, naturalmente, autor desconhecido. Aludidas considerações serão feitas à base do capítulo que inicia a análise do Contrastes e Confrontos por inteiro, no primeiro dos dois volumes com os quais daremos nosso adeus ao trabalho começado por volta de 1953 para a redação da História e Interpretação de "Os Sertões", princípio da série imprevista nas dimensões que acabou tomando, cujo título inicial — já o explicamos em nota à 3.ª edição — foi Euclides e "Os Sertões", como o dos que virão daqui mais um pouco será Euclides depois de "Os Sertões".

Estes últimos informes aconteceram só para justificar os "dois volumes" com a extensão da matéria, nada menos que apresentação e análise de todos os livros, cartas e inéditos de após 1902, de redação contida e rigoroso acolhimento das fontes. E também para dizer que nesses volumes finais veremos um outro Euclides da Cunha, insuspeitado, a prever a arrancada no oeste de São Paulo, indicando ainda o local onde, por imperativo econômico, nasceria uma grande cidade paulista, o que efetivamente se deu; a apontar solução segura para o problema do Nordeste, como já o demonstramos uma vez; a se alarmar com o da Amazônia a ponto de ser apresentado como autor da sugestão da Transamazônica (naturalmente diversa da que vai nas-

endo), conforme exposição de motivos de Eliseu Rezende para o Ministro da Viação e deste para o Presidente; a antever a difusão do automóvel sem descrever da ferrovia, pedindo abertura de faixas para os dois; e, parando por aqui, que o espaço é curto, até se antecipando à Semana de Arte Moderna, no que ela tem de fundamental, de básico: Brasil e língua portuguesa do Brasil.

É muito? Pois tem mais, e um tanto disso tudo está no Contrastes e Confrontos que a Cultrix está entregando ao leitor brasileiro, e tomara que também ao português.



É Euclides outra vez dando-nos a lição do inesperado, sendo pena, ao menos para nós, que aqui e agora o espaço não nos permita observar o livro de ponta a ponta, como já temos feito. Daremos, entretanto, a par das considerações gerais, pelo menos uns exemplos, observando o mais rapidamente possível o escritor abrindo novos horizontes, como sempre fez, de maneira definitiva, em termos de visão e expressão.

De que pelo menos provisoriamente o seu rigor não o impediu de confiar nas páginas que se seguirão, que se a boa sãda da esperança o ajudasse reveria mais tarde, com vagar, talvez eliminando umas, juntando outras, imprimindo-lhes conformação definitiva, não há dúvida, pois que concordou em editá-las.

Aceitou a proposta do editor português, que muito o agradeceu por isso, mas antes, ele mesmo sugerira tal publicação no Brasil, fazendo-o sem resultado, ainda que abrindo mão dos seus direitos, o que bem mostra a extrema precariedade da vida editorial aqui, naquele tempo. Em agosto de 1904 perguntava a Plínio Barreto por aquela possibilidade, sugerindo ao amigo falar a respeito com o editor Melilo, acrescentando: "nada quero lucrar, desejando apenas uma edição decente".

Esses novos escritos reunidos com o título de um deles, a par de trazerem a nós o mesmo escritor perfeito que conhecemos, mas já dominando uma área de idéias e experiências de outra amplitude e variedade, revelam, por um lado, o poeta em novos domínios, o "profeta" diante de novas confirmações e, por outro, a expressão apresentando qualquer coisa de sutil mudança, talvez afinando-se, e se afinando aqui e ali, tornando-se talvez mais ligeira e mais movimentada, quem sabe se em razão da própria natureza e diversidade

dos assuntos, provavelmente pelo aguçamento da sua capacidade de conhecer sempre mais e melhor, pelas suas relações mais livres com os cânones da língua, pelo mais fundo e mais extenso apego à dúvida e ao senso de humor que também tinha em dose alta. Mas, neste exercício de compreensão do novo Euclides que vamos ver, é conveniente juntar um outro ao novo feitiço da "ironia temperada de melancolia" que nele o crítico português Sampaio Bruno enxergou tão bem. Referimo-nos ao surto da imaginação em novos moldes no escritor bem aparelhado dela, da sua imaginação prodigiosa, que Araripe utilizou para sobrepor o seu estilo ao do conselheiro Rui Barbosa, no estudo que acompanhou edições do *Contrastes e Confrontos*.

É muito bom que se tenham tais coisas em mente no decorrer da leitura do novo Euclides que se apresenta. Trata-se do homem em campo novo de idéias, dotado de outra experiência, da reconhecida segurança dando à sua pena movimentos desconhecidos.

Do contrário, pode-se correr o risco de atribuir-lhe o que não é dele, negando-lhe o que lhe pertence, como tem acontecido ao debitar-se a ele, por exemplo, a defesa de teorias ou sistemas de idéias à base de atitudes hipotéticas, inconciliáveis com sua maneira de ser e de pensar, como de cartas ou simples trechos de artigos, fora do contexto, o que é julgamento precário, incorreto, despido da vista indispensável sobre o conjunto, inclusive ignorando a vivência do escritor em condições adversas para si e o país que amava, condições confessadas a Escobar, dizendo-se mergulhado no "diário combate ao tédio e à tristeza", aconselhando o amigo, pelas mesmas razões, a não se esquecer da ironia, chamando-a "nossa boa irmã mais velha"...

Também é de toda a conveniência ter em vista que os seus dois livros mais importantes depois da obra-prima, um deles este *Contrastes e Confrontos*, foram lançados em Portugal, o que não seria motivo de mágoa se os dois, mas principalmente o de que falamos, não tivessem lá o péssimo tratamento editorial que tiveram, cujos erros, alguns grosseiros, poderão, à falta de advertência, ou boa percepção, continuar circulando por aí, resultando em conclusões erradas sobre suas observações certas.

Como aconteceu com *Os Sertões*, através dos livros mencionados Euclides foi o primeiro escritor a levar para a sede da língua, lá meio involuída, o colorido novo da língua viva da antiga dependência, colorido e movimentação a transmitirem muito do implícito e do explícito no português da América: influências dialetais indígenas e africanas, suas fusões, a linguagem popular do sertão, a terminologia geográfica, a história em novos moldes, os termos técnicos que ele introduziu com

rigor na prosa portuguesa, o vocabulário arcaico de mistura com o novo, o seu frasear diverso, uma sintaxe não raro liberta de alguns preconceitos injustificáveis, e o anseio por idéias outras, por novos horizontes, progresso em todos os sentidos, coisas assim que, com as insubmissões gramaticais mais ou menos contidas, ensejaram ao crítico Pereira de Sampaio Bruno apontar no *Contrastes e Confrontos* "o pensamento autónomo, pessoal e próprio", a "forma literária insig-nemente perfeita", algumas "pequenas obras-primas de precisão", e em *Os Sertões*, as sessenta páginas sobre a terra, "entre o que de mais poderoso se tem escrito em prosa portuguesa".

Sampaio Bruno, meio desordenado, mas pensando certo redimia, assim, da pecha de discrição de tronco velho esquisitão que apenas tolera o vicejar do galho novo, a sua e as outras gerações de escritores portugueses, salvo raríssimas, porém, honrosas exceções, guardando silêncio sobre o imprevisto e audacioso aparecimento... Foi um superior, até no esquecer velha série de artigos de Euclides, desfavorável ao seu livro sobre o Brasil. E foi excelente primeiro crítico do *Contrastes e Confrontos*. Tão bom que, contrariando firme propósito de lançar suas obras sem prefácio de ninguém, desta única vez Euclides o acolheu, e para sempre, desde a primeira edição da obra. Não, naturalmente por aquela prioridade, mas pelas qualidades do estudo que apresentava o livro aos portugueses, pela excelência da análise, da concisão, da sinceridade iniludível que o animava, do seu caráter de testemunho no tempo e no espaço, testemunho de um escritor contemporâneo culto e inteligente, e de um português não agastado, porém, receptivo, cheio de entusiasmo pelo valor novo que se firmava no território lingüístico e cultural em que ambos se movimentavam de maneira inteiramente diversa.

Avançou corajosamente para um escritor português em Portugal as observações corretas que já vimos, e mais esta: "Os dons de plasticidade estilística do autor confirmam-se e corroboram-se; ora nos parece um ironista equilibrado sem discrepância na linha do gosto e da proporção, ora em sua prosa nos impressiona uma esquiva efusão sentimental, reprimida prestes pela frieza de uma dialética disciplinadora."

O *Contrastes e Confrontos*, apresentando na página de rosto o ano de 1907, deve ter saído pronto das oficinas em fins de 1906, provavelmente em dezembro, data da nota de agradecimento dos editores na primeira edição, mantida na segunda, também de 1907, e na terceira, de 1913, o que dizemos não só baseados nessa nota, mas em pelo menos duas cartas de Euclides. Qualquer que seja a verdade, o livro praticamente com duas edições no decorrer de um ano, em

pais estrangeiro, despertando grande interesse, constituindo raro êxito editorial. Resultou da reunião de 28 artigos para jornais, a maioria deles de 1904, mas incluindo na 2.ª edição o discurso de posse na Academia. Deixou, entretanto, de fora alguns dentre os melhores estudos do período, por nós recolhidos em livro.

A confiança de Euclides, nesses escritos, é válida pela qualidade intrínseca de cada um, ainda que todos vistos assim como o seu autor preferia que os vissemos:

"uma espécie de filhos naturais do espirito, mais descuidados, talvez; porém, às vezes mais dignos do nosso amor"

Deram um grande livro, nobilitando extraordinariamente o gênero do jornalismo a que pertencem, apesar de às vezes "descuidados" pela pressa com que foram redigidos, como antes acontecera com as reportagens, antecedentes de Os Sertões. Na lingua em que foram escritos, a crítica de que foram alvo não passa de tentativas pobres, raquíticas, cheias de equívocos, salvo casos como os de Bruno, Araripe, José Veríssimo, ou Afrânio Peixoto. Assim, é proveitoso ver essa crítica entre autores para os quais a famosa barreira da lingua não existe, como é o caso dos tradutores de Euclides, a exemplo do alemão Karl Schwarzenbach, surpreso com a profundidade do comentarista, com a sua compreensão dos problemas europeus, asseverando que "essa compreensão específica das questões ligadas à Europa e ao seu futuro está visível no Contrastes e Confrontos", superando de muito o que se lê nos melhores comentários europeus da época.

*
* * *

Aproximadamente uma quarta parte da obra trata de assuntos específicos do Velho Mundo, mas se somarmos a estes os assuntos americanos, teremos que quase a metade versa problemas internacionais, sendo a outra de problemas sociais e arte, porém, substancialmente de estudos brasileiros.

Tendo em vista essa diversidade, é de concluir que, retificada a paginação caótica do livro, muito visto e pouco lido, este revela cinco blocos unitários, apresentando a relativa unidade que observadores superficiais não enxergam, perturbados pela distribuição desordenada do texto e pela sua leitura "em diagonal", inadmissível em quem se propõe a escrever sobre ele. Tem-na patente não só no reagrupamento das peças que o compõem, como no brasileirismo lúcido que o



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**